

## Imigração de trabalho e imigração de povoamento

40. Tem-se produzido um verdadeiro artefato, isto é, um enunciado que não é nem verdadeiro nem falso, e portanto pode ser ao mesmo tempo verdade ou falsidade, segundo o uso que se faça dele, mas que é sem cessar retomado e reproduzido tal qual, sem que se encontre aí o que acrescentar.

41. "Maus" imigrantes, imigração "má": algumas destas qualificações depreciativas podem parecer exageradas à vista da eufemização generalizada, na qual se envolvem, em regra geral, o discurso habitual sobre a imigração, e, especialmente, a linguagem dos dominantes, quando se propõe a mencionar as diferenciações sociais existentes na realidade. Sobre tudo quando essas considerações, características distintas que atuam necessariamente em detrimento dos dominados, tendem, unicamente por sua enunciação, a incorrer, seja por puro etnocentrismo, seja por preconceitos e verdadeiro *partis pris*, no risco objetivo da acusação de racismo. Certamente, não há como não se alegrar, do ponto de vista da moral, pelo trabalho de eufemização empreendido aqui e ali, espécie de controle efetuado sobre si, de auto-censura ou de auto-correção. E, sem dúvida, é preciso ver nessa forma de polidez um dos efeitos benéficos da relativa vulgarização (ou democratização) do relativismo cultural que, numa primeira aproximação e ao preço de uma distorção em relação ao sentido original, parece ter descido do céu puro do axiomático científico sobre a terra, neste século e nas práticas mais correntes. No entanto, não se pode, apesar disso, ignorar ou fingir ignorar o que as aquisições culturais de nossa época - que são também aquisições simultaneamente sociais, éticas, políticas, e mentais - mascaram, recalcam no inconsciente social e tornam inconfessáveis, para o momento, mas não impensáveis. Assim, em outros tempos, nos é per-

**P**or comodidade de exposição, mais do que por razões de verdade sociológica, habituou-se a distinguir de maneira artificial<sup>40</sup>, uma imigração de trabalho de uma imigração de povoamento.

Evidentemente, esta oposição é rica de subentendidos e de pressupostos ideológicos, e até mesmo racistas. A imigração de trabalho, que não tem outra razão de ser que o trabalho, é uma imigração de adultos, de homens em sua maioria. Ela é pensada e definida como uma imigração essencialmente provisória, enquanto a realidade desmente esta representação que dela se faz; é uma imigração puramente instrumental, tolerada como um mal menor, mas jamais desejada; é reputada inassimilável.

Certos autores chegam a fazer corresponder a essa primeira oposição uma segunda, a oposição entre uma imigração de quantidade e uma imigração de qualidade: a primeira seria constituída pela imigração de trabalho, a segunda seria aquela que se desejaria prestigiosa, enriquecedora por si, não infamante e enobrecedora, cultivada, tudo isso conferindo-lhe a disponibilidade de se deixar assimilar e assimilar-se por si mesma.

Essa imigração é, evidentemente, uma imigração familiar, as pessoas de qualidade não poderiam se separar de seus cônjuges e de seus filhos<sup>41</sup>.

Tudo isso conduz a admitir, sem que nada tenha sido estabelecido nem teórica, nem empiricamente, sem que se tenha dado nenhum fundamento sério a esta afirmativa, que a "imi-

gração de trabalho" é uma imigração que retornará, refluirá, e que a imigração familiar é uma imigração que permanecerá, implantar-se-á, e formará descendência. Uma trabalhará quando muito para a prosperidade do país; a outra, sem que o saiba, para a posteridade do país, sobretudo quando este tem necessidade de um reforço em natalidade.

A sociedade de imigração encontraria algum reconforto nessa situação - mas sob condição de que isto lhe convenha, que ela se beneficie disso - ao louvar o sinal de confiança e reconhecimento de que certos imigrantes (os bons, para a circunstância) fazem prova, ao nela depositar, o que eles podem ter de mais caro e precioso, suas famílias, suas esposas e seus filhos de pouca idade e, conseqüentemente, não somente seu presente imediato, aquele da labuta e do salário, mas o seu futuro. Em oposição, a imigração dita de trabalho é percebida como uma imigração recalitrante, desconfiada, em atitude de defesa, uma imigração que é também suspeita de ser, ela própria, suspeitosa. Dela também se diz que é parasitária, porque não manifesta um grande investimento, e sobretudo, investimento afetivo e simbólico, que dela se espera quanto à sociedade de imigração.

Imigração de trabalho, de um lado, imigração de povoamento, de outro, esta oposição postulada por suas comodidades classificatórias<sup>42</sup>, por mais que fosse fundada na razão e de forma argumentada, jamais a fronteira entre as duas teria sido bem estabelecida.



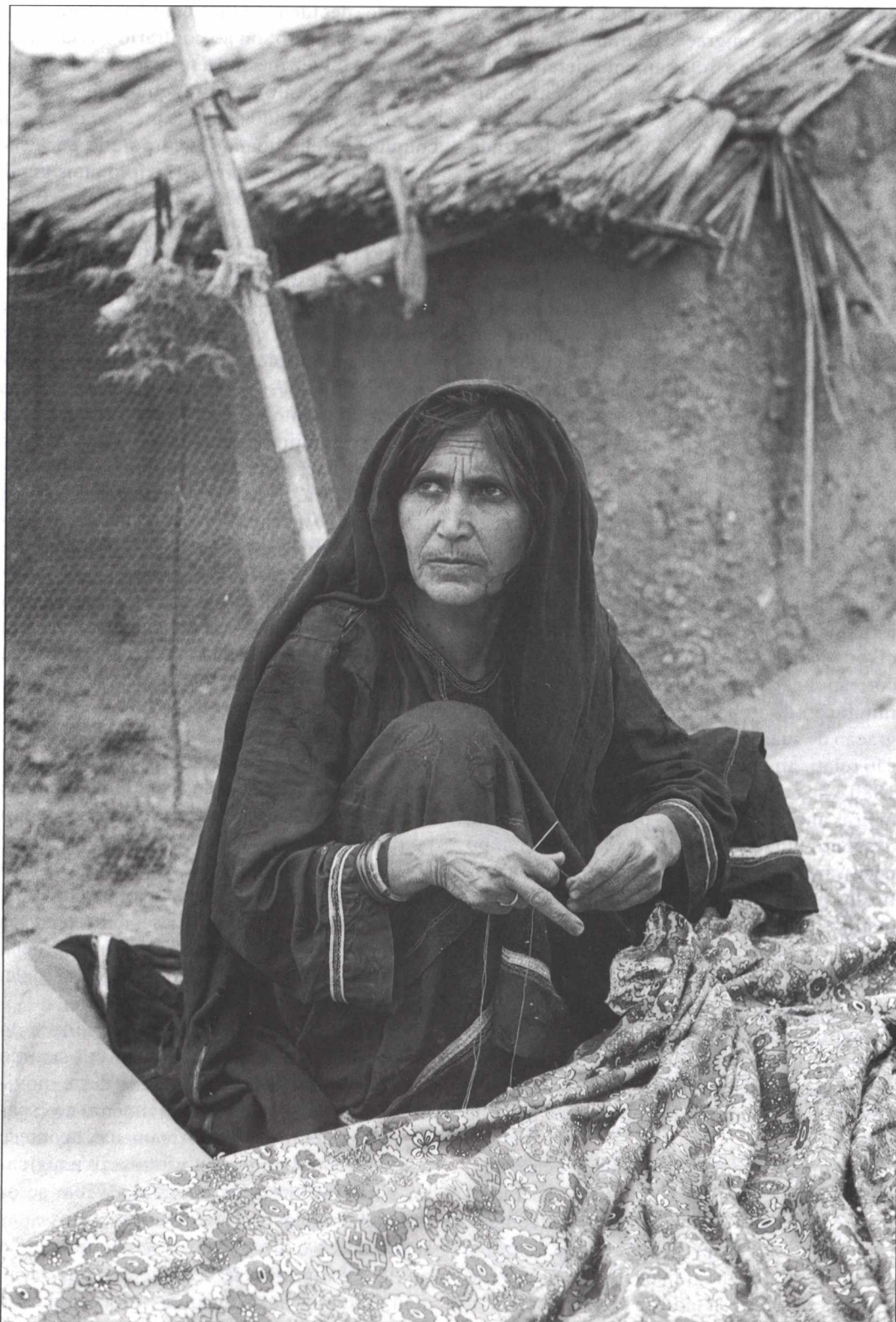


Foto: UNHCR/20028/03.1990/A. Hollmann

mitido bem mais que agora por uma imigração que seria apenas de trabalho e de trabalhadores a uma imigração que seria de povoamento com as qualidades que estão associadas a esta opção. Necessita-se da autoridade científica de um M. Coornaert - por exemplo, grande historiador medieval, professor no Collège de France - e também dessa forma de autoridade, espécie de engenhosidade ou de inocência, que os grandes cientistas podem demonstrar, quando plenos da autoridade que lhes é reconhecida no seu campo, são solicitados a se pronunciar sobre assuntos ou objetos sociais relativamente afastados do domínio de suas competências específicas, sendo levados a produzir (sem que realizem plenamente as condições sociais nas quais efetuam esse tipo de produções e, assim, a própria significação e, portanto, as consequências sociais destas produções) textos que são, de fato, manifestos e confissões autorizadas, incomuns, isto é, no sentido da opinião mais usual e mais comum. Assim, a equipe científica do INED (Institut National d'Études Démographiques), tendo empreendido a publicação, em 1947, de um conjunto de textos reunidos para formar o Cahier n°2 de *Documents sur l'Immigration*, sob a direção de Louis Chevallier, autor de um texto redigido em 1944, intitulado "Principaux aspects du problème de l'immigration", havia pedido para M. Coornaert preparar a publicação em questão. Remetendo "às práticas da imigração do Antigo Regime" e "em oposição à história recente do século XIX", ele realiza um texto muito interessante, "L'Etat et l'immigration de main-d'oeuvre sous l'Ancien Régime", que não faz senão sistematizar, sem hesitação e com toda ingenuidade, a oposição entre o que ele denomina uma imigração de quantidade (imigração contemporânea, desde o século XIX) e uma imigração de qualidade (tal como era praticada nos tempos antigos).

42. Haveria imigrações boas e úteis somente para a primeira função, o trabalho, e delas não haveria então nada mais a esperar. São, em regra geral, quase sempre as imigrações mais numerosas, as imigrações do momento, originárias principalmente dos países mais pobres e mais distantes, sob todos os aspectos. Haveria imigrações diferentes destas que, além da função do trabalho, trariam algo mais à ordem social, política, cultural e demográfica.



43. A imigração européia nos Estados Unidos, durante a segunda metade do século XIX, constitui uma excelente ilustração deste paradoxo. Ao contrário, pode-se dizer que não existe imigração considerada essencialmente uma imigração de trabalho, e também desejada como tal por todos os parceiros envolvidos (os dois países entre os quais ela se divide e os próprios interessados) que não tenha acabado ou acabe um dia, sem seus próprios efeitos - o efeito se tomando aqui retroativamente causa -, por converter-se em imigração familiar, logo, de povoamento.

44. Temos toda razão em pensar que a França (e não a Inglaterra), no mundo desenvolvido atual, inventou pela mediação de seu império colonial e no seio dele, através da mais preciosa de suas colônias, a Argélia, o recurso maciço, e com o único fim de obter mão-de-obra assalariada e proletária, aos emigrantes retirados de suas terras coloniais. Correlativamente, a Argélia - país intensamente colonizado, integrante do mundo do subdesenvolvimento no estado atual -, é o primeiro dos países deste mundo a recorrer ao trabalho assalariado disponível nos países do mundo desenvolvido.

Hoje não existe imigração considerada de povoamento, e mesmo de colonização que não tenha começado como uma imigração de trabalho<sup>43</sup>: é o caso exemplar da imigração argelina na França. Arquitetada especialmente para ser apenas uma imigração de trabalho, toda sua gênese histórica é inteiramente determinada pela ação colonial: em parte, de maneira indireta, pela ação global da colonização sobre todas as estruturas da sociedade colonizada (suas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, todas intimamente ligadas umas às outras); e em parte, de maneira direta, pelo que a França em guerra fez aos trabalhadores das Colônias (já antes da Primeira Guerra Mundial), principalmente argelinos, requisitados durante as hostilidades, a título de militares e a título de operários, para o escavamento de trincheiras (por ocasião da Primeira Guerra Mundial), e de operários da indústria de armamento, e após a Guerra, visando aos trabalhos de reconstrução.

Esta imigração engendrada de maneira quase experimental por uma verdadeira operação de cirurgia - sem dúvida porque foi uma das primeiras, senão a primeira imigração originária daquilo que hoje se chama o Terceiro Mundo, ou o mundo subdesenvolvido<sup>44</sup> - precisou de mais de meio século para fazer corresponder as duas formas de imigração, a imigração de trabalhadores isolados e a imigração de suas famílias. E porque esta imigração relativamente precoce - ela começou após 1880 e de maneira muito significativa nos primeiros anos deste século - perdurou quase sem descontinuidade até hoje, teve todo o tempo necessário para suscitar sua substituição a partir dos anos 50, sob a forma mais completa e qualitativamente diferente de uma imigração familiar - o que as outras imigrações operárias do Terceiro Mundo, porque muito mais tardias, não tiveram necessidade de fazer ou não tiveram necessidade de um tempo tão longo para fazê-lo -, as duas formas de imigração não se sucedendo mais, no mesmo caso ou para o mesmo indivíduo, senão com alguns anos de intervalo.

No que se refere às migrações, o pensamento dominante - a *doxa* comumente partilhada ou que poderia se chamar o bom senso comum, pronto a se satisfazer da observação empírica e do que esta lhe traz, mais do que da revelação de verdades escondidas - é levado a privilegiar o ponto de vista individualista: são indivíduos isoladamente que tomam, com toda

a liberdade e segundo o que acreditam ser seu interesse, a decisão de partir; são eles que decidem, por si mesmos e por sua própria conta por quanto tempo vão ficar e, ao final deste período, decidem se lhes convém retornar, se ganham com isto, ou ao contrário a retardar o retorno e talvez mesmo a renunciar a ele totalmente. Este ponto de vista, que se pode taxar de ingênuo, quando só é a expressão do senso comum, revela, quando incorporado por certos homens de ciência, o princípio mais geral que está na gênese do que eles chamam o individualismo metodológico, um pré-conceito de método consistindo a calar ou a minimizar a parte que as estruturas objetivas, isto é, as relações de força presentes, assume em todas as relações sociais.

Deste ponto de vista, a realização da migração toma quase sempre a aparência do paradoxo do monte de areia. No começo, o que se vê são sempre alguns resíduos arrancados da rocha-mãe, estes grãosinhos de pedra serão transportados pelo vento na direção que é a sua; mas se no caminho surge um leve obstáculo ou se interpõe um pequeno acidente de terreno, que servirão de primeiro incidente de percurso e de primeiro ponto de retenção para o primeiro grão de areia depositado, este será o início da formação da duna que só será vista quando tiver atingido o tamanho adulto. Vêem-se os grãos de areia transportados, pode-se vê-los depositar-se, mas só se vê a rocha se erodir e a duna se formar muito tempo após a desagregação e a acumulação. Uma nova duna se somando às outras na imensidão do deserto, o pó da areia, que as constituiu, pode ainda ser levado e transportado para se aglutinar a uma outra duna mais longe ou para contribuir à formação de uma nova duna, mas nunca se verá os grãos de areia retornarem à primeira rocha da qual se destacaram, se por acaso esta rocha ainda existir!

Neste caso também a irreversibilidade do tempo proíbe este deslocamento em sentido inverso, proíbe a reversibilidade deste movimento que não é mais um movimento no espaço, mas no tempo. Metaforicamente, acontece o mesmo com a migração: vêem-se os emigrantes partirem uns após os outros, vêem-se os imigrantes chegarem uns atrás dos outros e uns seguindo os outros, mas só se compreende o que é a emigração lá e o que é a imigração aqui, posteriormente, quando o processo já está bem encaminhado, quando a duna já está formada.